

IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19 NA EDUCAÇÃO: REFLEXOS NA VIDA DAS FAMÍLIAS

IMPACT OF PANDEMIC COVID-19 ON EDUCATION: REFLECTIONS ON THE LIFE OF FAMILIES

IMPACTO DE PANDEMIC COVID-19 EN LA EDUCACIÓN: REFLEXIONES SOBRE LA VIDA DE LAS FAMILIAS

Marcia Gorett Ribeiro Grossi¹

Dalva de Souza Minoda²

Renata Gadoni Porto Fonseca³

Resumo: O objetivo deste artigo foi apresentar os impactos da pandemia do COVID-19 na educação, sob a perspectiva das famílias cujos filhos estão no Ensino Fundamental I da Rede de Ensino Privada de Belo Horizonte, a qual passou a ofertar suas aulas remotamente. A metodologia foi descritiva com abordagem qualitativa. Quanto aos meios de investigação, este estudo se caracteriza como Survey. Os resultados mostram que o isolamento social e o ensino remoto ofereceram às famílias a oportunidade de resgatar seu papel educativo. Os pais estão se empenhando muito, a ponto de ficarem exaustos, para ajudar academicamente seus filhos e manter toda a rotina da casa, conciliando as tarefas domésticas com o trabalho formal ou *home office*. Também percebeu-se que, embora alguns alunos estejam bem com essa situação, a maioria está tendo dificuldade em estudar a distância, estão ansiosos, triste e desmotivados. Sentem a falta da escola, dos amigos e dos professores.

Palavras-chave: Ensino remoto. Coronavírus. Família.

Abstract: The objective of this article was to show the impacts of the pandemic COVID-19 on education, from the perspective of families whose children are in Elementary School I of the Private Education Network of Belo Horizonte, which started offering their classes remotely. The methodology was descriptive with a qualitative approach. As for the means of investigation, this study is characterized as a Survey. The results show that social isolation and remote education offered families the opportunity to recover their educational role. Parents are working hard, to the point of being exhausted, to help their children academically and maintain the whole routine of the house, combining domestic tasks with formal work or home office. It was also noticed that, although some students are well with this situation, most of them are having difficulty studying at a distance, they are anxious, sad and unmotivated. They miss school, friends and teachers.

Keywords: Remote education. Coronavirus. Family.

Resumen: El objetivo de este artículo fue mostrar los impactos de la pandemia COVID-19 en la educación, desde la perspectiva de las familias cuyos hijos están en la Escuela Primaria I de la Red de Educación Privada de Belo Horizonte, que comenzó a ofrecer sus clases de forma remota. La metodología fue descriptiva con un enfoque cualitativo. En cuanto a los medios de investigación, este estudio se caracteriza por ser una Encuesta. Los resultados muestran que el aislamiento social y la educación remota ofrecieron a las familias la oportunidad de recuperar su papel educativo. Los padres están trabajando duro, hasta el punto de estar exhaustos, para ayudar a sus hijos académicamente y mantener toda la rutina de la casa, combinando las tareas domésticas con el trabajo formal o la oficina en casa home office.

¹ Professora Titular do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. marciagrossi@terra.com.br. <http://orcid.org/0000-0002-3550-6680>

² Mestranda em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. dalvasbarbosa@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0002-4679-8172>

³ Mestranda em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. gadoni.re@gmail.com.

También se notó que, aunque algunos estudiantes están bien con esta situación, la mayoría tiene dificultades para estudiar a distancia, están ansiosos, tristes y desmotivados. Extrañan la escuela, los amigos y los maestros.

Palabras clave: Educación remota. Coronavirus. Familia

Introdução

“O mundo mudou e, aquele mundo de antes do coronavírus não existe mais. A nossa vida vai mudar muito daqui para a frente e, alguém que tenta manter o *status quo* de 2019 é alguém que ainda não aceitou essa nova realidade” (IAMARINO *apud* MELO, 2020, *online*). Para o autor, as mudanças que o mundo levaria décadas para passar, que levaria muito tempo para serem implementadas voluntariamente, estão sendo colocadas em prática no susto, em questão de meses, até mesmo dias.

O mundo já mudou com essa pandemia e nunca mais será o mesmo. Para Melo (2020, *online*) as “transformações são inúmeras e passam pela política, economia, modelos de negócios, relações sociais, cultura, psicologia social e a relação com a cidade e o espaço público”. Também a educação se insere neste contexto e está refletindo os impactos da pandemia do COVID-19, sofrendo modificações. Neste caminho, a Educação a distância (EaD) que já vinha se expandindo a cada ano devido ao desenvolvimento da internet, das Tecnologias Digitais da Informação e do Conhecimento e dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) (GROSSI, 2019), agora ganha mais destaque no cenário educacional, devido ao seu potencial para a troca de saberes a distância, seu caráter abrangente ao atender à várias áreas do conhecimento e à vários tipos de ensino (GROSSI, 2019).

O reconhecimento da importância da EaD pode ser observado pela iniciativa da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que

lançou em março de 2020 uma coalizão mundial para assegurar a EaD aos mais de 1,5 bilhão de alunos de 165 países afetados pelo fechamento de escolas devido à pandemia do coronavírus, com objetivo de frear a cadeia de proliferação desse vírus. Audrey Azoulay, diretor geral da UNESCO, enfatizou que “nunca antes havíamos sido testemunhas de um transtorno educativo de tal magnitude”, pois de acordo com a organização, 87% da população estudantil mundial foi afetada pela suspensão das aulas.

Isso tem sido motivo de preocupação dos governos e das instituições de ensino. Todos estão frente a um novo desafio que é oferecer ensino de forma remoto, desde o fornecimento de conteúdo e apoio a professores, até orientar as famílias a enfrentar os desafios da conectividade (UNESCO, 2020). Diante deste contexto, é importante salientar que o ensino remoto que vem sendo dado durante esta pandemia, não é considerado EaD, embora ele tenha semelhanças com essa modalidade de educação, principalmente no que se refere ao fato de que é a tecnologia que está promovendo a interação entre professores e alunos, os quais estão separados fisicamente.

Nesta perspectiva, surge a questão norteadora deste artigo: Como as famílias estão lidando com a imprevisibilidade de ter seus filhos tendo aulas a distância em um curto espaço de tempo? Para responder este questionamento, foi realizado um estudo com o objetivo de apresentar os impactos da pandemia do COVID-19 na educação, sob a perspectiva das famílias cujos filhos estão no Ensino Fundamental I da Rede de Ensino Privada de Belo Horizonte – Minas Gerais, a

qual passou a ofertar suas aulas remotamente via internet. Para tal, foi realizada em 2020 uma investigação classificada como pesquisa Survey.

Referencial teórico

O COVID-19 e as transformações na sociedade

As grandes pandemias do passado deixaram marcas profundas e causaram transformações consideráveis nas sociedades, como a peste negra ou praga bubônica no século XIV que foi a pandemia mais devastadora registada na história da humanidade, que ao seu final mudou a Idade Média; a gripe espanhola ocorrida em 1918 provocou uma mudança na história da saúde; a varíola que flagelou a humanidade por mais de três mil anos, deixou como legado os programas de imunização (MUNIZ, 2011). Outro exemplo, dado por Senhoras (2020), foi a febre amarela no Brasil do século 19, a qual levou à novas configurações nas cidades.

A mesma trajetória é seguida pela pandemia do COVID-19, que de acordo com o Ministério da Saúde registrou 52.995 casos no Brasil e 3.670 mortes até o dia 24 de abril de 2020, no mundo todo o número de infectados passa de 1,5 milhões. O diferencial desta pandemia para as outras do passado, é que hoje as condições de saneamento e o conhecimento científico são mais avançados em relação à época das pandemias do passado, fazendo com que as mudanças sejam menos visíveis inicialmente, mas, já se pode perceber o prejuízo na economia mundial, até porque os avanços no sistema de transporte proporcionam uma rapidez na locomoção das pessoas, fazendo com que o vírus viaje a uma velocidade muito maior que no passado, levando o vírus a outros países e continentes em questão de horas.

Senhoras (2020) acredita em outra consequência: a união global de esforços na área da saúde. Sob essa perspectiva, Segata *apud* Senhoras (2020, *online*) pontua que a “adoção de padrões comuns e a tentativa de produzir uma saúde global se deu a partir de epidemias. Quando determinadas pestes deixam de ser locais, o conhecimento também atravessa fronteiras”.

Destarte, o equilíbrio entre a proteção da saúde e a estabilidade econômica, buscado de forma tão desesperada por muitos países que tem séculos de tradição. Por isso, nas reuniões internacionais de sanitaristas e higienistas do século XIX tinham muito peso as intervenções políticas e empresariais e a diplomacia comercial (FARMA, 2020). Já a pandemia do COVID-19 vem produzindo repercussões não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias. A necessidade de ações para contenção da contaminação do coronavírus causou mudanças de comportamentos nos mais diversos segmentos da sociedade, tais como, no lazer, no trabalho, na mobilidade, na convivência social e na educação.

Para garantir o isolamento social em todo o mundo estão fechadas as escolas, os locais de entretenimento como parques, cinemas, bares e até comércios que não fazem parte dos serviços essenciais à sociedade. Inicialmente tem-se a impressão que essas medidas são temporárias e que a vida voltará ao normal. Contudo, a incerteza de quando se dará essa normalidade fez com que muitas empresas e outros segmentos da sociedade buscassem novas alternativas para a continuidade dos serviços oferecidos,

mudando o comportamento no que se refere à mobilização e higienização.

Observa-se, também que a tecnologia tem ajudado a resolver os problemas causados pelo isolamento social e, é o que diferencia este momento das outras pandemias do passado. Como, por exemplo, o caso das escolas que foram obrigadas a suspender as aulas presenciais e encontraram na tecnologia, a chave para manter a continuidade do processo de ensino e aprendizagem: as aulas remotas via internet. Dessa forma a sala de aula é redesenhada pela evolução tecnológica em um novo ambiente virtual de aprendizagem (KENSKI, 2015).

A EaD e o ensino remoto como destaque no cenário educacional: em foco o Ensino Fundamental I

Moore e Kearsley (2007) conceituam a EaD como um aprendizado planejado que ocorre em um lugar diferente do local tradicional de ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso, cuja comunicação acontece por meio de tecnologias.

No Brasil, o processo de reconhecimento dessa modalidade de educação teve início com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que por meio do seu artigo 80 incentiva o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

A EaD possui três formatos de cursos: *Totalmente a distância* (todas as aulas são ofertadas via internet). *Presencial com atividades a distância* (80% da carga é presencial e 20% a distância. *Semipresencial* (parte das atividades são realizadas a

distância e parte presencialmente). Neste caso o percentual fica a cargo da instituição de ensino, a qual deve contar com o polos presenciais, que conforme o Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, é “a unidade operacional para o desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância”. Nesses polos ficam os tutores presenciais, *online* e a coordenação de curso. A escolha de cada formato de curso vai depender da necessidade e perfil de cada aluno.

Essa modalidade de educação tem ficado cada vez mais em evidência no panorama educacional, pois é a modalidade de educação que mais cresceu no Brasil nos últimos anos devido aos avanços tecnológicos (GROSSI, 2019). Dessa forma, “as perspectivas para essa modalidade de educação são animadoras no sentido da expansão do desenvolvimento de novas tecnologias e/ou adaptação das existentes na educação” (DOMINGUES, 2020, p. 104). E, a pandemia do COVID-19 surge como outro motivo para colocá-la no centro das atenções, uma vez que as aulas a distância tem sido uma alternativa para que os alunos não fiquem afastados do processo de ensino e aprendizagem e não haja uma descontinuidade na construção do conhecimento.

Portanto, o jeito de ensinar e de aprender mudou. O aluno está distante fisicamente do seu professor e, como acontece na EaD, ele torna-se o centro do processo de ensino e aprendizagem, deixando de ser um mero receptor e tornando-se responsável pela sua aprendizagem. As aulas acontecem nos AVA, que possuem uma variedade de ferramentas tecnológicas e requer uma equipe de profissionais para garantir o sucesso das

aulas ofertadas a distância via internet. Dentre esses profissionais, destacam-se: o professor formador, o professor conteudista, os tutores, os coordenadores, pedagogo e *designer* instrucional e os especialistas em tecnologias.

Espera-se que na outra ponta do processo, os alunos estejam preparados para lidar com seu aprendizado. Uma vez que o professor, na EaD, é o orientador dos conteúdos, o aluno precisa ser proativo, disciplinado e ter autonomia. De acordo com Pereira (2015, p.15) esse aluno é “percebido com um perfil mais adulto e maduro, que traz experiências e conhecimentos, sendo que sua vivência social e sua experiência profissional influenciam o modo sobre como ele interage em seus estudos”.

Entretanto, qual a idade dos alunos que conseguem estudar a distância? Para Pereira (2015), essa se concentra em torno de 25 a 45 anos, o que está em consonância com os dados do CensoEaD.BR de 2018, realizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância(ABED), o qual indica que os alunos que optam por cursos a distância estão nas faixas entre 26 e 30 anos (39,3%) e 31 e 40 anos (37%), que, juntas, compõem 76,3% do aluno dessa modalidade de educação.

Ainda de acordo com o CensoEaD.BR de 2018, a oferta de cursos mais procurados na EaD são os de nível superior. Os cursos de ensino fundamental I, foco deste estudo, tem uma procura pequena, o que pode ser justificado pelo fato de que, além de ainda não estar regulamentada por lei, seu público, em geral mais jovem, tem necessidade de atenção e acompanhamento intensificados. Mesmo sendo um público que pertence à Geração Internet, a qual tem muita familiaridade com as tecnologias digitais, utilizando-as para se comunicarem e ficarem conectados boa parte do seu tempo (GROSSI

et al., 2018). E nas palavras de Grossi e Fernandes (2014):

Observa-se que atualmente, crianças e adolescentes dessa geração, interagem simultaneamente com diversas atividades ao realizar o dever de casa: ouvem música, falam ao telefone, exploram a internet entre outras. Por conseguinte, as características marcantes da Geração Internet são o dinamismo e interatividade em tudo que fazem, principalmente no âmbito estudantil (GROSSI; FERNANDES, 2014, p.56).

Ainda que, o aluno do ensino fundamental pertença a uma geração que gosta e aceita todas as novas tendências tecnológicas, ele precisa do professor ao seu lado, para motivá-lo na construção do seu conhecimento. Esse aluno ainda não tem maturidade e disciplina para estudar na modalidade a distância, a qual requer um aluno autônomo. Já a autonomia é aprendida progressivamente com o tempo, não se consegue de uma hora para outra, o aluno se torna autônomo à medida que vai aprendendo (PARO, 2011).

Todavia, para conter o avanço da pandemia do COVID-19, as aulas presenciais foram suspensas em março de 2020, sendo aprovada pelo Governo Federal a Medida Provisória nº 934 de 01 de abril de 2020, que estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública. Desse modo, ficou permitido que aulas da educação infantil até o ensino médio na Rede Pública e Privada sejam ofertadas remotamente via internet.

Além disso, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal estipulou que o tempo para cada aula é de 50 minutos e, que

os conteúdos disponibilizados virtualmente aos alunos devem ser alinhados à Base Nacional Comum Curricular, naquilo que compete a cada um, incluindo aulas destinadas ao ensino especial. Todas essas decisões foram tomadas para que os alunos não perdessem o ritmo de seus estudos e continuassem aprendendo.

Nesse cenário, encontram-se milhares de alunos. Porém, neste estudo o foco foi os alunos Ensino fundamental I da Rede de Ensino Privada da capital de Minas Gerais - Belo Horizonte, a qual conta com 2.930 professores e 44.421 alunos distribuídos em 314 escolas, como apontado pelo Censo de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Isto posto, as escolas conscientes das dificuldades vivenciadas pelos seus professores e alunos, nessa mudança repentina e inesperada da transição de ensino presencial para o remoto, tem disponibilizado suas aulas remotamente, capacitando seus professores rapidamente a lidar com AVA, disseminando materiais e capacitações através das mídias, auxiliando os alunos na superação do desafio de ter que participar de uma aula que requer deles características e habilidades que eles ainda não possuem, devido as suas poucas idades: disciplina e autonomia.

Contudo, Costa (2020) e Grossi (2020) alertam para que esse ensino remoto não é EaD, a qual tem suas legislações próprias, suas características próprias, além de ser muito mais estruturado e complexo. Para Costa (2020) o ensino remoto ofertado durante a pandemia, assemelha-se à EaD no que se refere a uma educação mediada por tecnologia e está configurado (a) para os princípios da educação presencial em que professores e alunos deixaram de coexistir

em espaço físico para coexistirem em um AVA.

O ensino remoto também se assemelha ao ensino híbrido, o qual é uma abordagem pedagógica que combina atividades presenciais e *online* realizadas dentro ou fora do espaço escolar (BACICH et al. 2015). Portanto, pode se afirmar que o ensino remoto é uma estratégia pedagógica e que, embora os atores educacionais continuem sendo os professores e o aluno (GROSSI, 2020), a família tem uma participação mais ativa do que no ensino presencial.

A família no processo de aprendizagem de seus filhos

O ano de 2020 tem sido um tempo de aprendizagem para todos. Além das escolas que tiveram suas aulas suspensas no dia 17 de Março de 2020 em todo o país, em Belo Horizonte, recorte desta pesquisa, foi assinado pelo prefeito Alexandre Kalil o Decreto nº 17.328 de 08 de abril de 2020, o qual suspendeu por tempo indeterminado o Alvará de Localização e Funcionamento de todas as atividades comerciais do Município. A nova regra sobre a proibição de abertura dos estabelecimentos entra em vigor, como forma de evitar a propagação do coronavírus, causador da COVID-19, permitindo que as pessoas trabalhassem de casa, dos quais, muitos, pela primeira vez.

Essas pessoas tiveram que se adaptar ao *home office* e conciliar a supervisão dos filhos com a rotina escolar, uma vez que as aulas foram suspensas e ofertadas a distância. Dessa maneira, *homeschooling* ou ensino domiciliar se tornou uma alternativa nos tempos da quarentena. Vale destacar que para a Associação Nacional de Educação Domiciliar (ANED) o objetivo do *homeschooling* é preparar o filho no que se

refere à autonomia no processo de aprendizado, tornando-o sujeito do seu conhecimento. Para essa Associação:

A essência da educação domiciliar não é ensinar a memorizar conteúdos, mas ensinar os filhos a aprender. As crianças e adolescentes aprendem a estudar, pesquisar, questionar, raciocinar de forma lógica e interpretar. Na educação domiciliar, os pais conduzem os filhos ao autodidatismo e podem utilizar-se de recursos diversos como sites, blogs, videoaulas, plataformas de ensino, materiais de apoio, aplicativos, auxílio de professores, entre outros (ANED, 2019, *online*).

Sobre esse tema, Lévy (2009) já compreendia as possíveis mudanças nos sistemas de educação, face aos desdobramentos da cibercultura na nova relação com o saber, o que leva a novas formas de construir conhecimento e a novos estilos de aprendizagem. Para o autor, a educação deve se preparar para uma nova configuração, levando em consideração o caráter educativo ou formador de outras atividades sociais e, não apenas das instituições formais de ensino.

Nesta linha, a escola, professores e família devem estar juntos, como agentes facilitadores do desenvolvimento desse aluno/filho, buscando o objetivo maior, que é o compromisso com a educação e o bem estar dos filhos diante de todo esse processo. “As famílias podem desenvolver práticas que venham a facilitar a aprendizagem na escola” (SZYMANZKI, 2003, p.101), e participar das tarefas escolares de seus filhos, que terão como consequências efeitos positivos para o desenvolvimento educacional do aluno (GROLNICK; SLOWIACZEK, 1994). Ademais, como diz Piaget (2007):

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50).

Neste sentido, o acompanhamento nos estudos das crianças é essencial, principalmente entre os 6 e 11 anos de idade, período em que segundo Piaget (1962), a capacidade de operar o pensamento concreto estendendo-o à compreensão do outro e às possíveis consequências de parte dos seus atos se aperfeiçoa na idade escolar. A essa luz, os pais têm um papel importante no processo de desenvolvimento da autonomia, do sentimento de auto confiança, encorajando as iniciativas das crianças, elogiando seus sucessos, aceitando seus fracassos e ajudando-as a superar suas dificuldades (MENDES, 2013).

Alinhando a essa visão, Reis (2007, p. 06) lembra que “as crianças são filhos e estudantes ao mesmo tempo. Desse modo, as duas mais importantes instituições da sociedade contemporânea, a família e a escola, devem unir esforços em busca de objetivos comuns”. Lembrando que a missão da escola é, não só o desenvolvimento intelectual dos alunos, mas também responsabilizar-se pelos seus desenvolvimentos social e emocional (FONSECA, 2016). Sobre esse aspecto, Berg et al. (2020, p. 03) lembram que no ensino remoto “a educação passa a ter responsabilidade compartilhada com os

familiares e a própria criança ou jovem, que muitas vezes por falta de prática e vivência com a rotina exigida pelo sistema, ou mesmo, por já utilizarem demais tecnologias virtuais acabam sobrecarregados”.

Procedimento metodológico

A metodologia usada para a realização deste estudo foi descritiva com abordagem qualitativa. Quanto aos meios de investigação, este estudo se caracteriza como Survey, pois as pesquisas deste tipo se configuram pela interrogação direta de um grupo de pessoas cujas opiniões e comportamento se deseja conhecer (FONSECA, 2002). Sendo assim, o grupo de pessoas alvo dessa pesquisa é formado pelos familiares dos alunos do Ensino Fundamental I da Rede Privada de Belo Horizonte – Minas Gerais e, o estudo foi realizado em abril de 2020.

Vale ressaltar que, a escolha desse segmento da educação foi devido ao fato de que a idade dos alunos desse segmento, de 6 a 11 anos ainda não têm a maturidade e autonomia que a EaD requer. A escolha pela Rede de Ensino Privada ocorreu por essa ter aderido às aulas remotas durante a pandemia do COVID-19, o que não aconteceu com a rede pública durante a realização desta pesquisa.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário criado no *google docs*. Quanto à estrutura, o questionário foi elaborado com quatro partes: a 1ª parte abordou questões sobre o perfil familiar. A 2ª parte procurou saber sobre as experiências da família com tecnologias; a 3ª parte investigou sobre as aulas remotas e; na 4ª parte as questões foram sobre a relação com a escola.

Os meios de envio, feitos entre os dias

18 de abril a 10 de maio de 2020, dos *links* com os questionários foram: via *facebook* (em forma de postagem nos grupos fechados relacionados a educação; enviados *inbox* para os contatos das pesquisadoras; postados nos *feeds* de notícias das pesquisadoras); grupos de *whatsapp* (grupos de pais e mães da Rede de Ensino Privada de Belo Horizonte e para todos os contatos das pesquisadoras); e-mail (para grupos de pesquisa na área da educação), *linkeln* e *Instagram*. Além disso, as pesquisadoras solicitaram que seus contatos de *facebook* e *linkeln* e de *whatsapp* as ajudassem divulgando a pesquisa entre seus contatos.

Para definir o universo da pesquisa, utilizou-se os dados do último censo do IBGE, que foi de 2018. Levantou-se que o número da matrícula no Ensino fundamental I da Rede de Ensino Privada da capital mineira é de 44.421, o qual foi definido como o número de família, usando como critério que cada família só poderia responder ao questionário para um filho.

Para definição do tamanho da amostra, usou-se a técnica de amostragem aleatória simples, cuja premissa básica é de que cada elemento da população estudada tem a mesma chance de ser escolhido para compor a amostra (MALHOTRA, 2011). Então, usou-se a margem de erro, erro amostral, que é uma estatística que representa a quantidade de erro da amostragem aleatória em um resultado de pesquisa. Quanto menor a margem de erro, maior a confiança nos resultados, sendo que a margem o erro amostral pode ser definido para qualquer grau de confiança desejado, como por exemplo, 90%, 95% ou 99%. Para a pesquisa junto aos familiares, foi alcançado um total de 429 questionários respondidos, o que acarreta em um erro amostral de 5% e com um grau de confiança de 99%.

Resultados e análises

1ª Parte: O perfil familiar

Sobre o número de pessoas que constitui as famílias que participaram desta pesquisa, 37,1% possui de uma a três pessoas. A maioria (62,5%) é constituída de quatro a seis pessoas e, 0,4 % tem mais de sete membros. Esse resultado está em consonância com os dados do Censo do IBGE de Belo Horizonte, o qual mostra que as famílias estão cada vez menores, registrando que o número de famílias com mais de 5 pessoas é de 3,8%. O que representa uma mudança no perfil das unidades familiares ao longo dos anos.

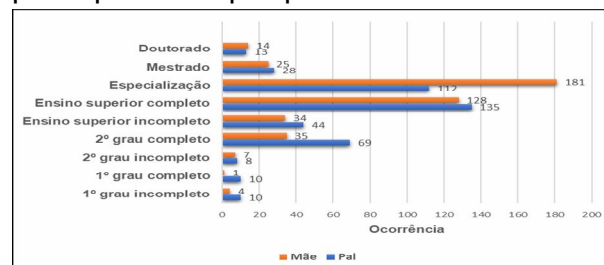
No que se refere às funções domésticas, verificou-se que a maioria dos respondentes (73,9%) declararam que não se dedicava apenas as funções domésticas antes da pandemia do COVID-19. Esse fato, se deve principalmente à participação das mulheres no mercado de trabalho após os anos 70, quando até então elas exerciam só a função do lar, como explicam Neves e Nascimento (2017). Para as autoras, atualmente as mulheres dividem-se entre o trabalho fora de casa e o trabalho doméstico, acarretando suas participações no sustento do lar. Em 2010, como indicado pelo Censo do IBGE, 34,5% das famílias de Belo Horizonte as mulheres eram as responsáveis financeiramente. Essa realidade pode ser observada nas respostas do questionário: antes e durante da quarentena 56,9% das famílias estavam sendo sustentada pelo pai e pela mãe; 29,4% apenas pelo pai; 10,0% só pela mãe; 2,1% por outros parentes e 1,6% declararam que todos da família estão desempregados.

Ao serem questionados sobre a situação financeira da família na atual realidade do país, 48,0% informou que a

renda está normalizada e sem dificuldades financeiras. Para 45,5% a renda está normalizada, mas a família enfrenta dificuldades financeiras. 6,5% das famílias encontram-se sem nenhuma renda e/ou estão endividados. Dessa forma, a maioria (52,0%) das famílias está vivendo com muita dificuldade financeira durante a pandemia. Dentre vários motivos para tal, destaca-se a perda de empregos ou redução salarial, devido a suspensão por tempo indeterminado do alvará de localização e funcionamento de todas as atividades comerciais do Município de Belo Horizonte (Decreto nº 17.328/20) para conter o alastramento do coronavírus.

Outro aspecto investigado sobre o perfil familiar foi o grau de instrução dos pais. Pelos dados apresentados no Gráfico 1.

Gráfico 1. Grau de Instrução dos pais participantes da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Observa-se que a maior titulação dos pais (com 31,5%) e das mães (com 29,8%) é o ensino superior completo. Chamou a atenção o fato de que, se forem contabilizados todos os cursos que esses fizeram após seus cursos superiores, os índices aumentam: no caso dos pais o índice é de 35,6% e no caso das mães o índice é de 51,3%. Esses dados revelam também que as 429 famílias participantes desta pesquisa, dão uma importância para os estudos, e que como pessoas bem instruídas, tem condições

intelectuais para acompanhar e auxiliar na trajetória acadêmica de seus filhos.

2ª Parte: As experiências das famílias com recursos tecnológicos

Esta pesquisa aponta que a maioria das famílias participantes desta pesquisa (72,3%), já utilizava antes da quarentena, tecnologias nos momentos de estudos ou para outras atividades. Essas possuíam diversos recursos tecnológicos: 98,1% dos lares possuem celular; 86,2% possuem *notebook*, 56,2% tem *tablet*; 45,0% dos lares têm computador e 4,7% dos participantes declaram ter outro recurso tecnológico. Esses dados sinalizam que os alunos têm acesso a diferentes mídias digitais, o que facilita que eles e também seus professores, tenham acesso ao ciberespaço e encontrem diversas possibilidades de aprendizagem, tendo como suporte principal a internet (LÉVY, 2009).

Neste sentido, qual a qualidade da internet, que é a tecnologia primordial para as aulas remotas, das famílias da pesquisa? Como resultado, descobriu-se que para 75,8% a internet tem uma boa qualidade e, para 24,2% não. Este é um dado preocupante, pois os alunos dos lares que não tem uma boa internet poderão ter algum tipo de prejuízo durante as transmissões de suas aulas remotas, como relata uma mãe participante desta pesquisa (Vale ressaltar que os pais foram numerados de 1 a 429 para efeito de identificação):

Meu filho não se adaptou aos estudos remotos. O sinal de internet aqui é muito ruim. (Responsável nº55, filho de 11 anos).

Entretanto, no caso em que as famílias não têm computadores, o ensino remoto fica

prejudicado e, os pais tentam achar uma solução, como está fazendo este pai:

Tendo a dificuldade no processo de aula online, no horário do meu almoço, preciso de deslocar com minha filha para o estabelecimento que trabalho, porque é onde tem um computador, em casa não temos. (Responsável nº 306, filho de 10 anos).

Sobre o domínio das tecnologias digitais, a maioria dos familiares (66,9%) declara que tem facilidade, 26,1% que tem um pouco e 7,0% afirmaram não possuir este domínio. Entretanto, ao serem questionados sobre suas experiências com a EaD, mais da metade (56,9%) respondeu que não e, 43,1% que sim. Embora, quando verificou nesta pesquisa que o grau de instrução dos pais é alto e que eles teriam condições de acompanhar seus filhos academicamente, no que se refere aos estudos a distância essa realidade muda e, é inquietante, como expresso por uma mãe participante desta pesquisa:

A disciplina em EaD dá mais trabalho em relação a atenção na hora de uma dúvida do meu filho. (Responsável nº 02, filho de 10 anos).

Então, como os pais podem ajudar seus filhos a estudarem a distância, se eles não têm experiência com essa modalidade de educação, não conhecem as ferramentas que as aulas *online* requerem, não tem familiaridade com os AVA escolhidos pelas escolas? Assim, para 100% das famílias, tem sido um desafio atuarem como mediadores das atividades escolares de seus filhos. Porém, eles também reconhecem que se conseguirem vencer esse desafio, estarão contribuindo para o desenvolvimento educacional de seus filhos, fato já

preconizado por Grolnick e Slowiaczek (1994).

3ª Parte: As vivências das famílias com aulas remotas dos filhos

Nesta pesquisa, como o foco foi o Ensino Fundamental I, a faixa etária dos filhos que estão tendo aulas remotas variou de 6 a 11 anos, distribuídos da seguinte forma: 6 anos (20,5%), 7 anos (16,1%), 8 anos (17,5%), 9 anos (15,2%), 10 anos (13,5%) e 11 anos com ocorrência de 17,2%. Pode-se notar que a destruição está bem equilibrada, sendo que a maioria são os filhos de 6 anos, exatamente os que tem o menor desenvolvimento da maturidade e autonomia para estudar a distância. Embora, os demais, com idades até 11 anos, também não atingiram o nível de maturidade e autonomia que a EaD e o ensino remoto requerem (PEREIRA, 2015; PARO, 2011).

Por consequência, esses filhos precisam do auxílio de um adulto para conseguirem estudar em casa, via internet. No caso desta pesquisa, comprovou-se que as mães são a maioria nesta função (58,3%), em seguida estão: os pais (29,1%), irmãos mais velhos (1,9%), outros membros da família (2,1%) e 8,6% dos filhos estão estudando sozinhos, sem nenhuma tutela e, como garantir que eles estão aprendendo? Não estão se distraindo e perdendo o foco? Pois, está - se vivendo uma fase de educação familiar, a qual foi instaurada abruptamente como solução para não quebrar a continuidade dos estudos e, esses filhos precisam aprender a estudar, pesquisar, questionar, sempre conduzidos pelos pais (ANED, 2019). Os pais tem que se interessar pelas coisas da escola (PIAGET 2007).

Em relação a faixa etária de quem está acompanhado os alunos em casa, a maioria

(54,3%) está compreendida entre 41 a 60 anos, a faixa de 19 a 40 anos representa 44,3% dos respondentes, 1,2% tem até 18 anos e, 0,2% tem mais de 60 anos. Esse resultado aponta para a maturidade das pessoas que estão auxiliando as crianças nos estudos *online*.

Também procurou saber como era feito o planejamento de estudos dos filhos em casa, antes e depois da suspensão das aulas devido à pandemia do COVID-19. O resultado está sintetizado no Quadro 1.

Quadro 1. Síntese sobre a rotina de estudos em casa.

	Antes da suspensão das aulas	Após a suspensão as aulas
Acompanhamento das atividades escolares em casa.	* 64,3% tinham um horário fixo para acompanhar seus filhos nas tarefas escolares diárias. * 14,2% tinham um horário fixo para que o filho realizasse as tarefas diariamente, mas sem auxílio de um responsável. * 21,5% não tinha nenhum horário fixo, esse horário dependia das necessidades diárias.	* 59,4% estão com um horário fixo para acompanhar seus filhos nas tarefas escolares diárias. * 8,4% estão com um horário fixo para que o filho realizasse as tarefas diariamente, mas sem auxílio de um responsável. * 32,2% não estão com nenhum horário fixo, esse horário dependia das necessidades diárias.
Tempo disponibilizado de estudo diário em casa	* De aproximadamente 2 horas (83,7%). * De aproximadamente 4 horas (10,2%). * Nenhum horário estabelecido (6,1%).	* De aproximadamente 2 horas (36,6%). * De aproximadamente 4 horas (37,8%). * Mais de 4 horas (25,6%).

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Durante a quarentena, houve um aumento no tempo disponibilizado de estudos diários em casa com o isolamento social, o que já era esperado. O aumento de alunos que estão dedicando aproximadamente 4 horas para seus estudos diários foi de 27,6%. Também chama a atenção para a porcentagem de alunos que

estão estudando mais de 4 horas (25,6%), o que não era uma realidade antes da suspensão das aulas presenciais.

Percebe-se também uma diminuição de 4,9% dos pais que tinham um horário fixo para acompanhar seus filhos nas tarefas escolares diárias. O motivo para tal, pode ser que, como a maioria (46,6%) das famílias está tentando conciliar o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e o *home office*, a rotina da casa mudou, o volume de trabalho aumentou muito e os pais estão esgotados, como o depoimento dos pais participantes desta pesquisa:

Estamos exauridos pois estamos em home office e auxiliando nas tarefas. (Responsável nº 15, filho de 06 anos).

O ensino remoto teve um grande impacto na nossa rotina, pois meu filho é muito dependente para realizar as tarefas a distância. (Responsável nº 18, filho de 07 anos).

Essa pandemia fez a nossa rotina dar uma reviravolta, estamos totalmente perdidos. (Responsável nº 148, filho de 07 anos).

Esta situação contradiz o que alertam Grolnick e Slowiaczek (1994) sobre os benefícios do envolvimento dos pais nas tarefas escolares de seus filhos. Também preocupa o fato de que o aumento na quantidade de famílias, de 21,5% para 32,2%, cujos filhos não tinham nenhum horário fixo para seus estudos, sinalizando que falta um planejamento na rotina de estudos desses filhos. Esses resultados são preocupantes, pois a rotina e a disciplina são fatores que contribuem com o processo de ensino e aprendizagem, como alerta Symanzki (2003) é fundamental as famílias desenvolverem práticas para facilitar a aprendizagem dos seus filhos.

Esse cenário já apresenta consequência: apenas 23,8% estão conseguindo sozinhos (são os alunos cujas idades estão compreendidas entre 10 e 11 anos, e/ou são alunos cujas escolas já utilizavam metodologias nas quais eram contempladas atividades *online*). Já 15,4% dos alunos não estão conseguindo acompanhar as aulas remotas mesmo com ajuda, e, a maioria (60,8%) só está conseguindo acompanhar as aulas com ajuda. Neste último caso, 74,1% da ajuda vem dos familiares, 19,6% são seus próprios professores quando estão *online*, 3,5% vem de reforço escolar a distância e, 2,8% de ajuda externa presencial. Esse resultado mostra o que aconteceu com as rotinas das famílias, como pode ser percebido pelos depoimentos a seguir:

Tudo gira em torno das tarefas da escola. (Responsável nº 31, filho de 08 anos).

As crianças estudam em horário integral. Estamos dependendo da ajuda de terceiros para os cuidados. Tem sido um período difícil, que exige muitas adaptações. (Responsável nº 295, filha de 10 anos).

A dificuldade dos filhos em acompanhar as aulas remotas tem várias origens, além da idade desses alunos para estudarem remotamente. Uma dessas é a questão do ambiente, pois estudar exige concentração. Logo, os pais devem proporcionar aos filhos as condições para que eles tenham um ambiente como, por exemplo, ser silencioso, tranquilo e bem iluminado, não ser em um espaço comum a todos na casa e nem de circulação de pessoas (MENDES, 2013). Portanto, quando o ensino é remoto alguns aspectos também merecem atenção, como os apresentados no Quadro 2.

Quadro2. O ambiente de estudo em casa.

Aspectos observados	Sim (%)	Não (%)
A família possui equipamentos suficientes para a utilização de todos os seus membros?	65,7	34,3
Existe um local na casa, onde o filho possa assistir as aulas remotas e estudar com silêncio?	74,8	25,2
A família realiza intervenções durante as aulas remotas ministradas pelos professores?	59,7	40,3

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Pelos dados observados no Quadro 2, a maioria dos filhos têm um local e condições propícias, tanto no que se refere a um ambiente calmo e tranquilo quanto ao acesso a equipamentos, para o estudo remoto em casa. Todavia, é crítica a quantidade de famílias (343%) que não possuem equipamentos em números suficientes para que todos possam usar ao mesmo tempo, até mesmo porque outros irmãos também estão tendo aulas remotas e muitos dos pais estão em *home office* e precisam do equipamento, isso compromete o tempo que o filho precisaria ficar conectado à internet participando das atividades *online*. Além disso, é crítico o fato de 25,2% das famílias não possuírem um local tranquilo e silencioso para seus filhos participarem das aulas remotas, o que compromete o processo de estudo. Como pode ser comprovado pelos desabafos de duas mães:

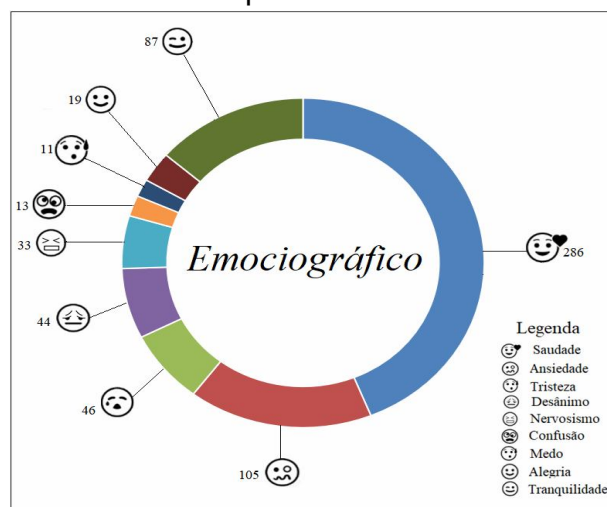
Está muito difícil da minha filha se concentrar e se dedicar aos estudos, temos uma outra filha de 2 meses. O apartamento pequeno e elas estão muito agitadas. Difícil dar atenção necessária aos estudos. Todos os dias chega atividades nova e muita coisa que demanda a atenção dos pais junto ao aluno. (Responsável nº 245, filha de 07 anos).

Sinto que o rendimento do meu filho diminuiu. Ele não tem interesse pelas aulas. Sobrecarregou os pais que continuam trabalhando. (Responsável nº 41, filho de 09 anos).

Outro aspecto demonstrado no Quadro 2, se refere à participação dos pais durante as aulas. Embora, Szymanski (2003) defenda que as famílias podem desenvolver práticas que venham a facilitar a aprendizagem na escolar, isso não significa que elas devam interferir quando os professores estiverem ministrando suas aulas remotamente e, isso vem sendo feito por 59,7% dos pais. Esse comportamento dos pais atrapalha o andamento das aulas, tirando dos professores e dos demais alunos, a atenção e concentração. O papel dos pais não é ficar do lado do filho o tempo todo, não é estudar o tempo todo com eles, é estimular a sua independência, ensiná-los a aprender (MENDES, 2013), mesmo os mais jovens.

Contudo o ensino remoto não se limita a questões tecnológicas (COSTA, 2020). Para a autora, ele é uma questão de humanidade, de amor, de compaixão e de empatia, na qual as emoções interferem no seu êxito. Por isso, nesta pesquisa, procurou saber como os alunos estão se sentindo, uma vez que os sentimentos são a tomada de consciência das emoções, durante esse período de suspensão de aulas presenciais. A partir das respostas dos pais, foi elaborado um *Emociográfico* (Figura 1).

Figura 1. Estados emocionais gerados nos alunos durante a quarentena.



Fonte: Dados de pesquisa (2020).

Para os pais, seus filhos estavam alegres e tranquilos no início da suspensão das aulas, mas com o passar do tempo isso começou a mudar. 286 pais relataram que seus filhos estavam sentindo saudades da escola, dos professores e de seus colegas. Eles sentiam a falta do estar junto, da interação entre seus colegas, bem como a falta da presença física dos seus professores. Essas interações que se fazem presente com ambiente escolar, também faz parte do ato educativo, que, em primeira instância, é um intercâmbio de emoções e significados entre o professor e os alunos (SANTOS, 2007). Na maioria dos casos, essa saudade foi se transformando em angústia, tristeza e medo, principalmente devido à incerteza de quando eles poderão voltar para a escola. Isso tudo foi gerando a desmotivação para participar das aulas remotas, e outros sentimentos foram surgindo tais como a confusão e nervosismo.

Pelo depoimento dos pais, como os apresentados a seguir, expressam como a suspensão das aulas estava afetando os alunos:

Ele está super chateado, tem se sentido entediado, as vezes chora e fala que não aguenta mais. Já me pediu para abraça-lo e chorou "sem motivo". Estou realmente preocupada com saúde emocional dele. (Responsável nº 149, filho de 07 anos).

As aulas presenciais não tem nem comparação, é extremamente necessária, principalmente na idade das crianças. Ela sente muita falta dos professores, escola e amigos. Tem momento que a ansiedade é expressada com certeza. (Responsável nº 306, filha de 10 anos).

Fica chateado com a mãe explicando e prefere a professora. (Responsável nº 167, filho de 07 anos).

Você não ensina como a professora. (Responsável nº 248, filha de 10 anos).

Ele está super agitado e ansioso, mas quer voltar às aulas pois não quer continuar estudando com a mãe! (Responsável nº 325, filho de 08 anos).

Meu filho diz sentir falta da escola, colegas e professores. Mas, somente quando perguntado. Preparou-se para a primeira aula online e vestiu seu uniforme espontaneamente. (Responsável nº 209, filho de 07 anos).

Para 106 pais, seus filhos estavam felizes e tranquilos, embora sentissem saudades dos colegas, principalmente devido à oportunidade de ficarem mais tempo com seus pais, os quais estão em *home office*. Já para uma mãe, seu filho está feliz em casa por que não gostava da escola, ele prefere as aulas a distância, pois se livrou do *bullying*. Porém, como pode ser comprovado pela Figura 1, os alunos que apresentaram emoções (conscientemente aqui traduzidas pelos pais como sentimentos) positivas foram menores do que as negativas.

Todas essas emoções negativas prejudicam o processo de aprendizagem dos alunos. Os pais relataram que seus filhos começaram a apresentar quadros de estresse, cansaço, choro, insônia, irritação, dentre outros. Fonseca (2016) corrobora com esse entendimento ao afirmar que as emoções são uma fonte essencial da aprendizagem, e no seu aspecto mais abrangente encerram aspectos comportamentais positivos e negativos, como observado nos depoimentos a seguir:

O impacto dessas mudanças em nossas vidas é negativo...sempre se aprende com tudo nessa vida, mas isso está atormentando a nós três. (Responsável nº 294, filha de 11 anos).

Meu filho está muito cansado pelo excesso de atividades. Ele prefere ir pra escola. (Responsável nº 19, filho de 06 anos).

Então, para saber se esses sentimentos oriundos de tempos de incertezas aliados às questões tecnológicas, as de autonomia e de se ter um ambiente adequado para a educação familiar, levou ao próximo questionamento feito aos pais: você acha que seu filho está aprendendo o conteúdo das disciplinas dadas remotamente? A maioria (22,1%) dos pais acreditam que sim, 14,0% acham que não, 59,9% acreditam que parcialmente e, 4,0% não souberam opinar. Por isso, a minoria (12,1%) considera que quando as aulas forem regularizadas não será necessário reposição do conteúdo trabalhado durante a pandemia, mas para a maioria (87,9%) esse conteúdo deve ser revisto, como exemplificado pelos depoimentos a seguir:

Não concordamos com a ferramenta escolhida pela escola e esperamos que este conteúdo seja trabalhado novamente quando retornar ao normal. (Responsável nº 18, filho de 07 anos).

Acho que o ano letivo devia ser anulado. Não me sinto apta a educar um aluno sem a didática certa. (Responsável nº 336, filho de 07 anos).

4ª Parte: A Relação família - escola

Nosso sistema educacional não estava preparado para uma situação de emergência como a pandemia do COVID-19, não existia um plano de contingência educacional ou administrativo em caso de isolamento social (COSTA, 2020) e, o ensino remoto foi a estratégia paliativa para dar continuidade nas atividades acadêmicas. Toda essa situação é nova para as famílias e para as escolas. Por isso, tem que haver uma parceria entre essas duas instituições assegurando que o processo de desenvolvimento educacional dos filhos/alunos não seja interrompido. A família e a escola devem unir esforços em busca de objetivos comuns (REIS, 2007). Então, procurou saber como está ocorrendo a relação entre essas duas instituições (Quadro 3).

Quadro3. Síntese da relação entre escola e família.

Iniciativa das escolas	Sim (%)	Não (%)
Consultou a família em relação às condições de acessibilidade aos mecanismos disponíveis para a utilização das aulas remotas.	11,4	88,6
Disponibilizou algum material físico para os alunos que não tem acesso às aulas remotas.	21,4	78,6
Realizou alguma capacitação <i>online</i> com a família sobre a utilização da ferramenta escolhida para ministrar aulas com acesso remoto.	24,2	75,8
Forneceu suporte à família sobre o uso da ferramenta escolhida durante o período de aulas remotas.	59,2	40,8
Negociando, ou está negociando, algum tipo de desconto das mensalidades escolares.	29,1	70,9

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Os dados do Quadro 3 sinalizam que esta parceria ainda não é forte e, como consequência poderá ter prejuízos na vida acadêmica dos alunos. A maior parte das

famílias (88,6%) afirmou que não foram consultadas sobre suas condições de acessibilidade aos mecanismos disponíveis para o uso das aulas remotas. 75,8% a escola não proporcionou nenhuma capacitação *online* para ajudá-las a compreenderem as ferramentas digitais nas quais seus filhos teriam aulas. Os depoimentos abaixo retratam o que vem acontecendo:

Deveria ter um apoio dos professores e diretores, e adequar da melhor maneira possível, mas em nenhum momento fomos questionados. (Responsável nº 53, filho de 08 anos).

A situação é crítica para todos. Ninguém gostaria de estar vivendo tudo isso. Temos que tentar analisar todos os lados, não é fácil para a família em casa, não é fácil para a professora que dominava a aula presencial e da noite para o dia precisa aprender dar aula virtual, mas a escola não fez isso porque quis e, sim porque a situação precisou que se tomasse alguma atitude. Prefiro a aula remota do que a criança ficar completamente sem estudar. (Responsável nº 315, filha de 08 anos).

Outra preocupação das famílias é o orçamento, que apertou durante a pandemia. Muitos pais perderam seus empregos ou tiveram seus salários reduzidos e estão tendo dificuldades para manter os pagamentos das mensalidades da escola dos filhos. Assim, a maioria das famílias participantes dessa pesquisa (70,9%) está negociando com as escolas algum desconto nas mensalidades. Algumas famílias relatam que a escola tem dado todo suporte na medida do possível, outras relatam o contrário, como no depoimento de um pai:

A escola está distante, ausente e inflexível na concessão de um desconto das mensalidades, não é sensível aos impactos financeiros. Aqui em casa

houve redução de salário em 30% e, embora não estejamos passando dificuldades, as despesas continuam vindo normalmente mesmo os serviços não estarem sendo prestados normalmente. (Responsável nº 347, filho de 08 anos).

Após terminar de ler e analisar as opiniões de 429 famílias sobre o impacto da pandemia do coronavírus na educação de seus filhos, revolveu-se finalizar este item com a reflexão de uma mãe:

Esse momento está sendo de grande aprendizagem para todos nós. É angustiante, estressante, mas aguardamos ansiosos para que tudo isso passe logo. E o mais importante é que vamos sair de tudo isso com mais conhecimento e certos de que nada dura para sempre. É preciso estar sempre se adaptando às mudanças que a vida nos oferece, favorecendo nosso crescimento. (Responsável nº 46, filha de 09 anos).

Finalizando: Quais as consequências da pandemia do COVID-19 na educação?

A educação é um processo histórico, que sofre constantes alterações de acordo com o contexto socioeconômico inserido em um determinado momento, tanto local, quanto global (DOMINGUES, 2019). Nesse sentido, a pandemia do COVID-19 provocou uma grande mudança no sistema educacional, quando as aulas presenciais foram suspensas e substituídas pelo ensino remoto ofertado via internet.

Essa mudança foi possível graças aos avanços das TDIC e dos AVA que reconfiguraram o ambiente escolar, modificando as práticas pedagógicas, tornando o processo educativo possível em um tempo de isolamento social. Como consequência, a forma dos professores e alunos se relacionarem mudou consideravelmente. Kenski (2015) já

vislumbrava essa situação ao afirmar que alunos e professores tornam-se desincorporados nos espaços escolares virtuais. Para a autora, nesse novo contexto, outras formas de relações são formadas. A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos das TDIC, mas também aos novos comportamentos.

Por isso, substituição da sala de aula presencial para a sala de aula virtual trouxe grandes mudanças e possibilidades. As atividades acadêmicas dirigidas aos alunos via internet, estão sendo essenciais para diminuir os prejuízos do período na ausência das aulas presenciais.

Contudo, observou-se nesta pesquisa que existem muitos desafios nessa nova forma de ensinar e aprender, principalmente porque a implantação do ensino remoto foi feita repentinamente. Os desafios são muitos, como por exemplo, problemas de conectividade, famílias que não tem acesso aos recursos tecnológicos e não tem condições de ajudar academicamente seus filhos, alunos que não tem maturidade para estudar a distância e, professores sem formação específica para lidar com o ensino remoto.

Portanto, BERG et al. (2020) alertam que é preciso considerar que existirão graves consequências, como o aumento da defasagem escolar devido às diferenças sociais e tecnológicas entre os alunos. Huang et al. (2020) complementa dizendo que o fechamento das escolas gera consequências sociais para as pessoas e sociedade, tais como: aprendizado interrompido, má nutrição, confusão e estresse para os professores, lacunas na assistência à infância, aumento na taxa de evasão escolar e, o desafio para medir e validar o que se aprendeu durante o ensino remoto.

Sob essa perspectiva, é importante refletir sobre o futuro e visionar que a educação nunca mais será a que era antes. Ela terá um novo ritmo e será cada vez mais digital. Por isso pode se tornar mais excludente. Teremos um período complicado de uma nova transição (do virtual para o presencial) no qual será preciso trabalhar o emocional dos alunos e cuidar para que as diferenças sociais não fiquem mais evidenciadas em uma educação fortemente digital.

Considerações finais

No final desta pesquisa pode-se responder à questão norteadora que a originou: Como as famílias estão lidando com a imprevisibilidade de ter seus filhos tendo aulas a distância em um curto espaço de tempo? A resposta é que as famílias estão se esforçando muito, a ponto de ficarem exaustas, para ajudarem academicamente seus filhos e manter toda a rotina da casa, conciliando as tarefas domésticas com o trabalho formal ou com o *home office*. Também estão enfrentando o desafio de lidar com o emocional de seus filhos, os quais estavam acostumados a viver em ambientes sociais e interativos e, com o isolamento eles sentiram a falta do estar junto.

A maioria da queixa dos filhos foi a saudade da escola, dos colegas e dos professores. E como uma mãe relatou: *nunca na história da educação, sentiu-se tão importante a figura do professor. As tecnologias são mediadoras, facilitadoras*. Neste sentido, essa pesquisa alerta: Professores, seus alunos precisam e querem vocês! Outros sentimentos também foram percebidos, principalmente a ansiedade, a tristeza, o desânimo, o nervosíssimo e o medo. Com isso, os filhos começaram a ficar

confusos e desanimados para participarem das aulas remotas. Aulas que dependem de uma maturidade e autonomia que eles ainda não têm, devido à pouca idade.

Porém, outros fatores também contribuíram para esses sentimentos, tais como: a pouca experiência deles e de suas famílias, no que se refere à utilização das ferramentas digitais requeridas para aulas *online*; falta de um ambiente tranquilo em casa, para os estudos; a falta de equipamentos para todos da casa usarem ao mesmo tempo, problemas com a internet (fundamental para as aulas remotas) e a falta de tempo e de preparação pedagógica dos pais, pois não são professores, para acompanhar as atividades acadêmicas de seus filhos.

Porém, quando o cenário é de pandemia, onde a prioridade é salvar as vidas, a escola não tem escolha, ela tem que se reinventar. Então, o que foi pensado rapidamente foi oferecer o ensino remoto como alternativa viável para que os alunos não tivessem seu processo educacional rompido. Entretanto, vale ressaltar que o ensino remoto não é EaD, a qual é uma modalidade de educação bem estruturada e organizada para um público mais adulto. Também não é *homeschooling*, o qual tem uma proposta de ensino doméstico sem a participação de uma instituição de ensino. Assim, o ensino remoto é uma estratégia pedagógica que se assemelha ao ensino híbrido.

Diante do exposto, percebe-se também a importância de se olhar para esta situação de outra maneira: a partir da reflexão de que este tempo de isolamento social e de ensino remoto também oferece às famílias a oportunidade de resgatar seu papel educativo oferecendo às crianças tempo de estudo em conjunto, de partilha de histórias

e cultivo da fraternidade. Vale acreditar que a educação mesmo sendo uma dimensão da pandemia, pode ser vista como uma oportunidade para que a escola trabalhe em rede e acione outros atores de apoio à família. Estreitar esses laços pode fazer com que todos atravessem este momento complicado, na esperança de até tudo voltar a um novo normal, a partir de novas aprendizagens e experiências.

Enfim, passada a pandemia, as escolas abrirão seus portões, os alunos irão voltar a correr pelos corredores das escolas e dar vida às salas de aula. Porém, as aulas não serão as mesmas, a tecnologia vai estar cada vez mais presente nas atividades acadêmicas e nos currículos. Porém, espera-se que nenhum recurso digital, nenhuma tecnologia tire a sensibilidade do professor para ensinar, alegria do aluno ao aprender e a vontade da família em participar da vida acadêmica de seus filhos.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - ABED. **Censo EAD.BR**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil /2018. Disponível em: <http://abed.org.br/arquivos/CENSO_DIGITAL_EAD_2018_PORTUGUES.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DOMICILIAR - ANED. **Entenda sobre Educação Domiciliar**. Disponível em: <<https://www.aned.org.br/sobre-nos/quem-somos-aned>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. (Org.). **Ensino Híbrido**: Personalização e Tecnologia na Educação. Porto Alegre, 2015.
BELO HORIZONTE. Gabinete do Prefeito. **Decreto nº 17.328, de 08 de abril de 2020.**

Suspende por tempo indeterminado os Alvarás de Localização e Funcionamento e autorizações emitidos para todas as atividades comerciais e dá outras providências. Disponível em: <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1227725>>. Acesso em 23 abr. 2020.

BERG, Juliana; BLUM VESTENA, Carla Luciane; COSTA-LOBO, Cristina. Criatividade e Autonomia em Tempo de Pandemia: Ensaio Teórico a partir da Pedagogia Social. **Revista Internacional de Educación para la Justicia Social**, v.9, n. 3, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da União. Poder Legislativo, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005**. Diário oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5622.htm>. Acesso em: 23 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Medida provisória nº 934, de 01 de abril de 2020**. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus – COVID-19**. 2020. Disponível em:

<<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46784-coronavirus-brasil-registra-52-995-casos-e-3-670-mortes>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

COSTA, Renata. **Educação remota emergencial x EaD: desafios e oportunidades**. 2020. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pulse/educa%25C3%25A7%25C3%25A3o-remota-emergencial-x-ead-desafios-e-renata-costa>>. Acesso em: 04 mai. 2020.

DOMINGUES, Alex Torres. A interiorização da EAD nas instituições públicas de educação no estado de Mato Grosso do Sul: avanços e perspectivas. **Horizontes - Revista de Educação**, [S.l.], v. 7, n. 14, p. 91-106, 2019.

FARMA, Ana Maria Carrillo. **Pandemias do passado, velhas quarentenas e novos ensinamentos**. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-09/pandemias-do-passado-velhas-quarentenas-e-novos-ensinamentos.html>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, Vitor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Rev. Psicopedagogia**, v.33, n. 102, p.365-384, 2016.

GROLNICK, Wendy S.; SLOWIACZEC, Maria Louisa. Parents involvement in children's schooling: A multidimensional conceptualization and motivational model. **Child Development**, v.65, n.1, p.237-252, 1994.

GROSSI, Márcia Goretti Ribeiro. **O ensino remoto é uma modalidade de educação?** 2020. Disponível em: <<https://avacefetmg.org.br/>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

GROSSI, Marcia Gorett Ribeiro. O curso superior de tecnologia em gestão pública na modalidade semipresencial: a percepção dos alunos. **Revista Paidéi@. Unimes Virtual**, v.11, n.19, p.1-24, 2019.

GROSSI. Márcia Gorett Ribeiro; FERNANDES, Letícia Carvalho Belchior Emerick. Educação e tecnologia: o telefone celular como recurso de aprendizagem. **EccoS Revista Científica**, n.35, p. 47-64, 2014.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; BORJA, Shirley Doweslei Bernardes; MORAES, Aline Lopes. Revisão das pesquisas nacionais sobre as redes digitais com fins educacionais. In: GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro (Org.). **Tecnologias Digitais: Desafios, Possibilidades e Relatos de Experiências**. 1 ed. Brasília: Ibict, Art. XI, p. 209 - 226, 2018.

HUANG, R.; LIU, D. J.; TLILI, A.; YANG, J. F.; EWANG, H. H. **Handbook on facilitating flexible learning during educational disruption**: The chinese experience in maintaining undisrupted learning in COVID-19 outbreak. Institute of Beijing Normal University. 2020. Disponível em: <<https://iite.unesco.org/wp-content/uploads/2020/03/Handbook-on-Facilitating-Flexible-Learning-in-COVID-19-Outbreak-SLIBNU-V1.2-20200315.pdf>>. Acesso em: 25 ago.2020.

IAMARINO, Atila. **Mundo Pós-Pandemia: Saúde e Prevenção**. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/22/mundo-pos-pandemia-entrevista-biologo-atila-iamarino>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo escolar – sinopse 2018**. Disponível em: <[https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-](https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/pesquisa/13/5908)

[horizonte/pesquisa/13/5908](https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/pesquisa/13/5908)>. Acesso em: 18 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Amostra – Famílias**. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/pesquisa/23/24161?detalhes=true>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus editora, 2015.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing: foco na decisão**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

MELO, Clayton. **Como o coronavírus vai mudar nossas vidas: dez tendências para o mundo pós-pandemia**. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

MENDES, Fábio Ribeiro. **Meu filho não quer estudar**. Porto Alegre: Autonomia editora, 2013.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MUNIZ, Érico Silva. Memórias da erradicação da varíola. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 16, n.2, p.699-701, 2011.

NEVES, Diana Rebelo; NASCIMENTO, Rejane Prevot. A divisão entre trabalho, família e organizações para casais de dupla jornada (two-job couples):

Notas para um Debate sobre o Caso Brasileiro. **E&G Economia e Gestão**, Belo Horizonte, v. 17, n. 48, 2017.

PARO, Vitor Henrique. **Autonomia do educando na escola fundamental**: um tema negligenciado. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 197-213, 2011.

PEREIRA, Geiza Basualdo Bogado. **O estudante da EaD (educação a distância)**: um estudo de perfil e interação geracional. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Administração) -Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PIAGET, Jean. **The origins of intelligence in children**. New York: The Norton Library, 1962.

REIS, Risolene Pereira. Relação família e escola: uma parceria que dá certo. **Mundo Jovem: um jornal de ideias**, ano XLV, n.373, p. 6, 2007.

SANTOS, Flávia Maria Teixeira dos. As emoções nas interações e a aprendizagem significativa. **Ensaio - Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 151-161, 2007.

SENHORAS, Eloi Martins. **Mudanças de comportamento, na economia e no trabalho**: como as pandemias transformam o mundo. 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/03/mudancas-de-comportamento-na-economia-e-no-trabalho-como-as-epidemias-transformam-o-mundo-ck80pbm1800ab01rzot5fswxm.html>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. Brasília, Plano Editora, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - UNESCO. A **UNESCO reúne organizações internacionais, sociedade civil e parceiros do setor privado em uma ampla coalizão para garantir a #AprendizagemNuncaPara**. 2020. Disponível em: <<https://pt.unesco.org/news/unesco-reune-organizacoes-internacionais-sociedade-civil-e-parceiros-do-setor-privado-em-uma>>. Acesso em: 14 abr. 2020.